

# Direitos Humanos relacionados à Língua e à cultura da comunidade surda: aspectos éticos

## Humans Rights related with the Language and the culture of the deaf community: ethical aspects

Marlene Canarim Danesi\*

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo relacionar direitos humanos, ética e surdez, analisando aspectos referentes aos direitos humanos e à violência invisível, que as pessoas surdas tem sofrido durante toda história da humanidade, principalmente ao que se relaciona ao obscurantismo dos últimos 100 anos, durante os quais a Língua de Sinais foi desrespeitada e vilipendiada pelos ouvintes. Paralelamente, levantamos questionamentos sobre o dever do Fonoaudiólogo com as crianças e os adolescentes surdos e seus familiares, frente a esta problemática.

### Palavras-chave

Direitos Humanos; ética; violência; surdez.

### ABSTRACT

This article intends to establish connections among deaf humans rights and to the invisible violence, with the specific questions about the deaf people. In parallel with that, we raise questions about the Phonotherapist's due wit the deaf children and teenagers and their relatives, concerning that problem.

### Key words

Humans Rights; ethical; violence; deaf.

---

\* Fonoaudióloga, Mestre em Problemas e Patologias do Desvalimento. Supervisora de Estágio do Curso de Fonoaudiologia e Coordenadora da Casa de Cuidados da Rede Metodista de Educação do Sul. Vice-Presidente do Conselho Federal de Fonoaudiologia. Autora de diversos livros, entre eles *O Admirável Mundo dos Surdos*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi pensado com base em conceitos teóricos estudados durante a minha vida acadêmica e na experiência no atendimento de crianças e adolescentes surdos e envolvimento com a comunidade surda. A intenção foi de estabelecer conexões entre direitos humanos, ética e pessoas surdas, tendo como fundamentação teórica a visão sócio-antropológica da surdez, que vê o surdo como membro de uma comunidade lingüística diferente, com valores culturais próprios e tendo como elo identificatório a Língua de Sinais, e não como um indivíduo patológico.

A visão sócio-antropológica da surdez teve como marco inicial a descoberta de Stokoe (1960), de que os sinais são verdadeiros signos, capazes de expressarem pensamentos e sentimentos, portanto a língua através da qual os surdos se comunicam se comunica é uma verdadeira língua, com todas as características das línguas orais. Com base neste referencial teórico, tentei analisar questões relacionadas aos direitos humanos, à violência invisível e à vulnerabilidade ante a humilhação, sofrida e vivenciada pelas pessoas surdas, sobretudo àquelas referentes ao “ouvintismo” e à medicalização da surdez.

O ouvintismo é um termo criado por Scliar (1998) que retrata a visão audiológica da surdez, a qual pretende transformar os surdos em ouvintes. A medicalização da surdez é a consequência direta desta visão, que valoriza o déficit auditivo. Meu interesse e motivação em fazer esta conexão – direitos humanos- ética e surdez – é a de repensar o papel do Fonoaudiólogo frente aos surdos e seus familiares, e o seu dever como profissional de minimizar as discriminações e as injustiças que a sociedade vem cometendo com a comunidade surda através dos tempos, situação magnificamente retratada por Carlos Sanchez (1991), em sua obra ‘A incrível e triste história da surdez’.

## 2. ÉTICA, DIREITOS HUMANOS E DEVER: CONCEITOS, PROBLEMAS E CONEXÕES

Quando falamos em Ética, falamos em sistemas de valores, e esta fala nos remete sempre a determinados códigos normativos, sendo, portanto a ética um fenômeno cultural, relacionado à moralidade. Quando falamos em Deontologia falamos sobre o estudo do dever, um conceito relacionado à responsabilidade, à

promessa e ao compromisso. O deontico ou normativo é uma das caras do ethos, e refere-se a maneira de como devemos trabalhar, como devemos agir. Mas o ethos tem outra face, o axiológico, que está relacionado à avaliação de atos e pessoas.

O dever é um conceito-chave da Ética, e a concepção de dever vai depender do que se entende como moral. A discussão ética, associada à crítica e ao questionamento, é a única possibilidade de mudar a moral e os costumes. No caso da surdez, é urgente que os profissionais façam uma discussão ética, questionando a educação dos surdos, analisando os efeitos devastadores de um século de práticas centradas, exclusivamente, na tentativa de correção e na “normalização”, responsáveis pelo fracasso escolar de crianças e adolescentes surdos.

Há necessidade de associar à discussão ética uma crítica e questionamentos sobre as instituições e aos próprios profissionais. As instituições, tanto reguladas pela caridade, quanto pela cultura social vigente, estiveram sempre preocupadas em controlar o surdo e separá-lo de sua comunidade. Os profissionais, de forma geral, sempre compactuaram com esta situação. É preciso questionar os verdadeiros motivos que levaram estas instituições e estes profissionais a negarem a existência da comunidade surda, da Língua de Sinais e da própria identidade da pessoa surda.

É urgente que o Fonoaudiólogo comece a refletir e a discutir qual o seu dever em relação à criança surda, qual o seu papel na orientação dos familiares. É preciso para isso que ele tenha clareza de qual é, efetivamente, a representação que ele próprio tem da pessoa surda. O debate técnico é importante, porém a discussão ética é fundamental para desnudar para o próprio fonoaudiólogo de como realmente ele pensa a surdez. Se para ele é uma questão somente audiológica ou se é uma questão epistemológica.

O Fonoaudiólogo necessita estar cada vez mais capacitado para cumprir com seu dever ético e com sua responsabilidade, que é justamente esclarecer e informar as famílias ouvintes, com filhos surdos, de toda a produção de conhecimento sobre a surdez, de proporcionar que tenham acesso às pesquisas mais recentes, deixando a decisão da escolha para cada família, individualmente, de acordo com os seus próprios valores e princípios, mas informada e conscien-

tizada de todas as possibilidades e limites.

### 3. CONEXÕES ENTRE CONCEITOS

#### 3.1. Vulnerabilidade, Humilhação e Dor

Humilhação, vulnerabilidade e dor são conceitos que mantêm determinadas conexões. Ao analisar a palavra humilhação nas suas origens fica evidente que húmus vem de solo, de terra, e que o humilhado é aquele que é posto contra a terra. A humilhação atinge a pessoa na sua identidade, quando alguém sofre uma humilhação é a identidade desta pessoa que é atacada, conseqüentemente a humilhação é uma dor da identidade humana. As minorias são mais vulneráveis a humilhação, conseqüentemente estão mais expostas a terem suas identidades atacadas e sentir dor em conseqüência deste ataque. Os surdos se encontram entre os grupos minoritários.

Identidade, segundo Silva<sup>1</sup> citado por Perlin (1998), é um conjunto de características pelas quais os grupos sociais se definem como grupo; aquilo que eles são, entretanto, é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos. Assim é com a comunidade surda. O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda. O surdo é um ser bilíngüe e bicultural, que precisa viver em dois mundos, mas que integra naturalmente uma comunidade com cultura e hábitos próprios, cujo elo identificatório é a Língua de Sinais.

A sociedade, durante quase um século, tentou impor à comunidade surda a obrigação de utilizar unicamente a Língua Oral. A forma de comunicação natural dos surdos, através dos sinais, foi denegrida e o seu uso, proibido. Segundo Sanchez (1991), "houve tentativas para dispersar a comunidade surda, impedindo entre si e com adultos surdos, se quis proibir os matrimônios surdos. Em suma, pretendeu-se fazer desaparecer a surdez". Os surdos permaneceram vulneráveis ao preconceito dos ouvintes em relação a surdez, as atitudes discriminatórias da sociedade ouvinte ocasionou humilhação e dor à comunidade surda.

Não poder falar o seu próprio idioma é uma violência explícita que se faz ao ser humano, é também uma tentativa de humilhar, de retirar a sua humanidade. A

identidade do surdo está sendo atacada, quando não se dá a oportunidade dele conviver com os seus iguais, para poderem perceber as características que os fazem diferentes de outros grupos.

É oportuno mencionar as palavras de Terji Basilier, psiquiatra norueguês surdo, mencionadas por Brito (1993): "... a língua faz parte da pessoa, quando eu rejeito a língua rejeito a pessoa... quando eu rejeito a Língua de Sinais, eu rejeito o surdo... Nós não devemos mudá-lo, devemos ensiná-lo, ajudá-lo, mas temos que permitir-lhe ser surdo...". É extremamente importante que se saiba que o surdo tem o direito de ser surdo.

#### 3.2. Solidariedade, Moral e Dever

Uma das conotações de solidariedade encontra-se na base da concepção atual de dever. A solidariedade pode ser vista como inerente aos seres humanos, pode ser narrada, conforme Giberti (1999 a, b), como a possibilidade de ver "a diferença entre uns e outros, em função de um "nosotros" mais extenso". Dentro desta perspectiva, os ouvintes que compartilham com os surdos interesses e sentimentos, defendendo os seus direitos, caracterizados como "Comunidade Solidária", estão enquadrados no que Giberti & Fernandes (1998) descrevem "como competência para perceber as injustiças e as diferenças".

Uma interpretação possível, para que é um grande número de profissionais não percebam as injustiças que, em nome do desenvolvimento técnico científico, já se fez aos surdos e, infelizmente, continua se fazendo, é justamente a ausência desta competência. Dentro desta perspectiva a falta de solidariedade do profissional aos sentimentos e interesses da comunidade surda pode estar enquadrada no descumprimento de seu dever.

Giberti & Fernandes (1998) referem-se aos movimentos políticos e filosóficos que encontram valores fora dos códigos e das regras e, finalmente, modificam. Referem-se aos novos movimentos sociais (homossexuais, mulheres, negros) que acabam encontrando sua ética em conhecimentos derivados do científico. É possível incluir os movimentos da comunidade surda nesta categoria.

<sup>1</sup> SILVA, T. T. *Contrabando, incidentes de fronteira: ensaios de estudos culturais em educação*. Porto Alegre, 1998.

O mais significativo, que pode ser entendido como o marco inicial, desta mudança de paradigma, foi a greve no Gallaudet, em 1988, a única faculdade de ciências humanas para surdos no mundo. Até aquela data, os surdos se caracterizavam por sua passividade, aceitando para dirigi-los sempre um reitor ouvinte. Demonstrando que estavam atingindo a maioria, os surdos de Gallaudet exigiram um reitor surdo. Esta greve foi um movimento filosófico e político que encontrou valores fora dos códigos e das regras, conseguindo modificações educacionais e sociais, buscando sua ética em conhecimentos derivados do científico.

### 3.3. Direitos Humanos e Violência Invisível

Karel Vasak, mencionado por Giberti (1999b), quando fala em direitos das pessoas aborda vários direitos, entre eles os direitos de quarta geração, que justamente é aquele que se ocupa dos direitos dos cidadãos em desvantagem (crianças, mulheres, refugiados, idosos, incapacitados, etc.). Dentro destes direitos faz menção também aos direitos comunitários, onde inclui os direitos ambientais e dos povos indígenas.

Considero que os direitos lingüísticos dos surdos estão tanto dentro dos direitos de quarta geração, como nos direitos comunitários, mas muito mais dentro dos últimos. É possível comparar os direitos dos surdos com os dos indígenas, só que estes últimos já conseguiram conquistar o direito de se alfabetizarem em sua língua natural, enquanto os surdos continuam lutando para que coloque na Constituição Federal este direito. Além da legitimação legal, é importante também o reconhecimento da sociedade.

A respeito dos direitos lingüísticos dos surdos, Laborit (1994) comenta: “utilizo a língua dos ouvintes, minha segunda língua, para expressar minha certeza absoluta de que a Língua de Sinais é nossa primeira língua, aquela que nos permita sermos seres humanos comunicadores”.

### 3.4. Violência Invisível

Giberti & Fernandes (1998), discorrendo sobre a violência, ressaltam as suas formas menos visíveis, porém não menos eficazes e que aparecem na família, quotidianamente, através da desigualdade na distri-

buição do dinheiro, do poder, das responsabilidades domésticas, das opções de realização pessoal, etc.

Elas colocam que esta trilogia – desigualdade, discriminação, violência – formam um particular círculo de realimentação mútua, que se desloca através da produção social das diversas formas de aceitação, que legitimam tanto a igualdade, como as práticas discriminatórias e, às vezes, invisibilizam os violentamentos.

Relacionando estes conceitos com a questão da comunidade surda, podemos concluir que durante estes últimos cem anos os surdos vêm sofrendo esta violência invisível, já que são vítimas de desigualdade, de discriminação e de violência. Sanchez (1991) coloca que, em diferentes documentos sobre os Direitos Humanos, da ONU, a discriminação por razões lingüísticas é condenada. No entanto, práticas discriminatórias por esta causa continuam a não ser denunciadas. A questão lingüística da comunidade surda é um exemplo.

## 4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O DEVER PROFISSIONAL DO FONOAUDIÓLOGO

A Fonoaudiologia é uma ciência que nas suas origens recebeu influências importantes da medicina e, conseqüentemente, do modelo clínico hegemônico durante muito tempo dentro da profissão, e ainda continua sendo para um significativo número de fonoaudiólogos. Entretanto, já existe, dentro da profissão, uma caminhada que pouco a pouco vai distanciando a profissão do exclusivo modelo clínico.

A responsabilidade, neste distanciamento, resultou das influências da lingüística, da psicologia, da pedagogia, da antropologia e, mais recentemente, da psicanálise. O exemplo metodológico da psicanálise é importantíssimo: as construções teóricas devem se originar na clínica, e a ela sempre retornar. É importante lembrar o alerta de Hermann<sup>2</sup>, citado por Cunha (1997): “não adianta tentar juntar história de gente e, em seguida, colocar algumas teorias psicanalíticas, esperando que Deus ajude a juntar as duas coisas. Deus se declara neutro nessas horas, inclusive nosso pai Freud”.

As contribuições antropológicas foram decisivas na área da surdez, inclusive criando duas correntes

<sup>2</sup> HERMANN, F. *Andaimos do real - livro 1: O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

dentro da Fonoaudiologia, de certa forma, irreconciliáveis. Uma percebe o surdo como paciente, necessitando constantemente atendimento especializado, e outra que considera a questão da surdez muito mais uma questão epistemológica do que audiológica. Esta última corrente tem cada vez mais avançado em estudos, em investigações e em pesquisa, comprovando a autenticidade da Língua de Sinais e da natureza bilíngüe e bicultural do surdo.

Justamente nesta questão é que se torna necessária a discussão ética. É necessário poder responder indagações como: Qual é o dever do Fonoaudiólogo com a família e com o indivíduo surdo? Qual é o dever consigo mesmo, como profissional? É ético ensinar uma segunda língua de forma coercitiva? Não seria mais adequado esperar a motivação necessária? É moral e ético omitir informações sobre uma visão ou outra, em relação à surdez? O Fonoaudiólogo está preparado para isso?

Além destas perguntas, outros questionamentos vão aparecer em uma reflexão ética, baseada no compromisso e na responsabilidade profissional. O importante é ficar atento a certas questões e ao perigo de utilizar um saber moral pré-reflexivo, sem o rigor científico e, desta maneira, acomodar seus deveres aos interesses pessoais.

## 5. COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES

Ao finalizar este trabalho, concluo que Skliar (1998) tem razão ao recomendar a necessidade de cada vez mais produzir interfaces dos estudos surdos com ou-

tras linhas de estudo em educação: estudos culturais, antropológicos, de grupos minoritários, feministas e políticas de educação. Os surdos sofrem exclusões parecidas com as que sofrem estes outros grupos, e a sociedade exerce sobre todos eles uma violência invisível.

Concluo, também, a importância do Fonoaudiólogo incluir na sua prática do cotidiano, no seu fazer clínico, reflexões éticas, questionando seus valores, suas condutas, técnicas e orientações. É necessário também que conceitos como DEVER, MORAL, DIREITOS HUMANOS, HUMILHAÇÃO, VULNERABILIDADE e VIOLÊNCIA sejam debatidos e introjetados para um desempenho profissional mais responsável e consciente.

Recomendamos que cada Fonoaudiólogo, em particular, e a classe como um todo façam uma crítica constante que, associada à discussão ética, que é a única maneira possível e desejável de se fazer mudanças e transformações. É preciso que ele como profissional pertença a comunidade solidária e que defenda os direitos dos surdos, que podemos resumir em: direito à igualdade lingüística, à aquisição da Língua de sinais e ao uso da mesma, direito de fazer opções lingüísticas, de se comunicar com seus pares, de receber tratamento especializado e, sobretudo direito de ser bilíngüe e bicultural. A compreensão desta realidade é que permitirá em um futuro, que espero não muito distante, surdos e ouvintes possam se comunicar em um plano de igualdade, contribuindo para uma aproximação entre os dois mundos.

REFERÊNCIAS

- BRITO, Lucinda. *Integração Social e Educação de Surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- CUNHA, M. C. *Fonoaudiologia e Psicanálise: a fronteira como território*. São Paulo: Plexus, 1997.
- DANESI, Marlene. *Novos Paradigmas para o Trabalho Fonoaudiológico com o Surdo*. I Seminário do Bebê, Porto Alegre, 1998.
- GIBERTI, Eva. *Anotações de Aula*. Mestrado de Patologias e Problemas do Desvalimento. Canoas, 1999a.
- \_\_\_\_\_. *Material distribuído em classe*. Canoas, 1999b.
- GIBERTI, Eva & FERNANDES, Ana M. *La Mujer y la Violencia Invisible*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.
- LABORIT, E. *O vôo da Gaivota*. São Paulo: Best Seller, 1994.
- MALDAVSKY, David. *Pesadillas en Vigilia*. Sobre Neurosis Toxicas y Traumáticas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1995.
- NEVES, Nilda. *El Suceder Psiquico*. Nueva Vision, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Anotações de Aula*. Mestrado de Patologias e Problemas do Desvalimento. Canoas, 1997/1998.
- PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. *Um Olhar sobre as Diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SANCHEZ, Carlos. *La Increible y Triste Historia da Surdez*. Caracas: Ceprosod, 1991.
- SKLIAR, Carlos. *Um Olhar sobre as Diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.